

PROCESSOS DE ESCRITA NA INTERFACE DE IMAGEM – TEXTO – CENA: AS PROPOSTAS DE ADÉLIA NICOLETE

Rafaela da Silva Rocha, Stephan Arnulf Baumgartel

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra o estudo dos processos atuais de formação de dramaturgos no Brasil, tendo como recorte as experiências nos Ateliês de Dramaturgia desenvolvidas pela dramaturga, professora e pesquisadora Adélia Nicolete. A partir de leituras em coletivo sobre dramaturgia moderna e contemporânea (ver lista de referências), busco compreender de que maneira a dramaturga organiza os processos de escrita em seus laboratórios, quais objetivos estabelece para os encontros e como avalia seus resultados, além de quais procedimentos foram empregados nos Ateliês e outros fatores como o papel do mediador e a valorização do processo.

DESENVOLVIMENTO

Os Ateliês de Dramaturgia são um projeto da dramaturga, professora e pesquisadora Adélia Nicolete, contextualizados na sua tese de doutorado, publicada em 2013. Estes ateliês são processos de escrita que integram as artes visuais, a escrita e a cena. Em sua tese, Adélia se volta a três experiências conduzindo o projeto, onde grupos de pessoas se reuniam para escrever e reescrever, impulsionados pela contemplação de obras das artes visuais, podendo ser produzidos textos de diversos gêneros, mas que, ao final do processo, seriam levados à cena. Nos Ateliês, Adélia adota uma pedagogia que se afasta da estrutura de ensino formal hierarquizado, pautada na relação professor-aluno, dentre outras medidas, optando por utilizar termos como “condutor” ou “coordenador” e “escrevedores” ou “participantes” para indicar uma intenção de deshierarquizar as relações envolvidas na escrita. Na prática, o condutor ou coordenador tem a função de criar condições para que os participantes experimentem, reflitam e construam seus próprios percursos de criação. Esse condutor não ocupa uma posição de superioridade, mas se entende como parte do coletivo. Para a autora, principalmente no campo da dramaturgia contemporânea, as formas abertas e experimentais de escrita exigem também novas formas de ensinar e aprender. Em vez de partir de conteúdos teóricos previamente estabelecidos, o processo começa pelo contato direto com obras de arte, pela escrita e pela criação, ou seja, baseado numa experiência concreta. Outra característica dos Ateliês é a valorização da criação coletiva. Os textos escritos pelos participantes são compartilhados e discutidos pelos demais, que formam assim um “coro de escrevedores”. Dessa forma, a aprendizagem acontece não apenas escrevendo, mas ao avaliar, questionar, sugerir, dar referências e apoio ao trabalho dos colegas, desenvolvendo também habilidades de trabalho em grupo como a escuta, a reflexão crítica e a responsabilidade coletiva. Por fim, os ateliês são espaços de escrita onde a pesquisa, a experimentação e a criação são o foco principal. O seu objetivo não é formar dramaturgos por meio da reprodução de modelos consagrados de dramaturgia, mas estimular cada escrevedor a encontrar a sua própria voz.

Nesse sentido, busco descobrir como seria avaliado o sucesso destes processos de escrita nos Ateliês. Em entrevista com a dramaturga, obtive a seguinte resposta:

O que é um ateliê bem sucedido? É um ateliê, primeiro, que mantém as pessoas lá, animadas. Porque é muito bom estar ali desenvolvendo a escrita. Se descobrindo escritora, escrevedora, seja lá o que for. Porque a experiência de escrita, de descoberta, de falar: “gente, eu sei escrever, [...]tenho um milhão de questões que eu posso aprimorar, mas eu estou escrevendo. [...] sentada no metrô, olhando o trem passar e eu consigo ver ali um motivo para escrever. Eu estou me reconhecendo de um outro modo.” Isso para mim é um sucesso. Eu percebo isso quando [...]

vejo na cara das pessoas um prazer muito grande de estar ali produzindo as coisas. [...]. É isso. (Adélia Nicolete, entrevista concedida à autora em 14/05/2026).

A respeito do que seria um texto de qualidade e os objetivos dos Ateliês, Adélia especifica seu recorte distinto:

[...] Eu vejo muito mais a predisposição à escrita do que propriamente a um texto bem feito. Talvez porque o meu objetivo seja oferecer condições para que as pessoas escrevam. Principalmente a mão. [...] meu objetivo é criar situações para que as pessoas se descubram, se percebam, se acreditem escritoras. E quando elas saírem dali, elas vão ter um mínimo de confiança para escrever um projeto, para escrever um poema, escrever uma carta, um e-mail, um bilhete, uma solicitação, porque adquiriram pelo menos um pouco de confiança para isso. (Adélia Nicolete, entrevista concedida à autora em 14/05/2026).

RESULTADOS

Sendo que o objetivo principal dos Ateliês não é alcançar um texto “finalizado”, mas favorecer que os participantes reconheçam a sua capacidade de escrever, o planejamento das atividades, então, privilegia experiências que sustentem o vínculo contínuo com a escrita, para além dos espaços das oficinas. O trabalho de Adélia nos provoca também a pensar que o deslocamento do estímulo inicial da palavra para outras linguagens, como as artes visuais, pode produzir novas possibilidades de escrita, mas também novas possibilidades de ver o mundo. Ao propor aos participantes que escrevam a partir daquilo que observam, cria-se um novo olhar para as coisas da vida, um olhar capaz de enxergar a poesia dos elementos para, depois, transcrevê-las no papel. Nesse sentido, os pontos elencados pela autora como a permanência, o entusiasmo e a disposição dos participantes denotam um indicador mais relevante do sucesso de um ateliê em relação ao resultado do seu projeto de escrita. Por último, chama atenção um ponto a respeito da dimensão afetiva da aprendizagem. Os Ateliês de Dramaturgia são um lugar onde os participantes exercitam e adquirem prazer e confiança na escrita, para além do aperfeiçoamento técnico. A condução dos Ateliês, dada de forma sensível, cria uma relação próxima e de confiança entre os participantes, o que possibilita o surgimento de uma condição específica para a aprendizagem. Ao criarem um espaço no qual se constrói uma relação autoral ou, melhor dizendo, saem em busca da “sua própria voz” na escrita, os participantes traçam também este fio afetivo, que atravessa a sua identidade e o faz se enxergar como autor das suas próprias escrituras. Escrever não é apenas um trabalho com a linguagem, mas um trabalho sobre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para a minha própria trajetória, percebo que minha relação com a escrita nasceu do desejo de registrar aquilo que eu via e, posteriormente, de experimentar aquilo que ainda não sabia nomear, deixando que as palavras se rebelassem contra as regras acumuladas nos anos escolares. As práticas adotadas por Adélia nos Ateliês de Dramaturgia são justamente um espaço de construção de novas possibilidades, mas também de desconstrução destes aspectos rígidos ou enigmáticos. Os Ateliês parecem apontar para uma formação na qual a pessoa pode se autorizar autora não porque domina previamente a técnica ou conhece todas as formas de escrita, mas porque se permite experimentar, escrever, reescrever, compartilhar e descobrir, continuamente, novas possibilidades para sua própria voz. Dentro dessa visão coletiva, surgem duas perguntas para nós: como exercitar uma escrita de caráter coletivo sem abandonar a intimidade que constitui a experiência de escrever? Como cuidar do leitor e do espectador sem perder essa dimensão singular?

Palavras-chave: Ateliês de Dramaturgia; Formação de dramaturgos; Dramaturgia brasileira; processos de formação dramática; Procedimentos de escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALL, David. **Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais**. Tradução de Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção Debates, 278).

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral**. Tradução supervisionada por Luís Otávio Burnier. São Paulo: Hucitec/Editora da Unicamp, 1995.

GOMEZ, Silvia de Almeida. **Lúcido-delírio: ideias para uma dramaturgia em deslo(u)camento**. 2024. 252 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

NICOLETE, Adélia Maria Abreu. **Ateliês de dramaturgia: práticas de escrita a partir da integração artes visuais-texto-cena**. 2013. 286 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SARRAZAC, Jean-Pierre. **A oficina de escrita dramática**. Tradução de Carolina dos Santos Rocha. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 203-215, jul./dez. 2005.

SOUZA, Marcus Vinícius dos Santos. **Escrever no labirinto: formação em dramaturgia na pós-modernidade**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SZONDI, Peter. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. Tradução de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

NICOLETE, Adélia Maria Abreu. **Entrevista concedida a Rafaela da Silva Rocha**. Florianópolis, 14 mai. 2026. Arquivo pessoal da autora.